



Por uma cultura de paz

116. RedeUnaViva: Meditação Cristã 116 – paragem 134 – 04.12.2016

MATEUS 16:13-20; MARCOS 8:27-29; LUCAS 9:18-21

SIMÃO PEDRO, A PEDRA.

Retiro 4

116.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Após seu retiro particular, o que Jesus quer saber dos discípulos, com as duas perguntas proferidas?
2. Como entender a função delegada a Pedro, pelo Cristo?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Qual o benefício, para a meditação, de eu ser uma pedra cristã?

116.2 Introdução: A revelação pela palavra de Pedro.

Tudo indica que o retiro errante desta época guardava propósito específico, que nesta paragem começa a ser esclarecido. No seu curso três curas foram pontuadas, outras tantas não discriminadas, além de ter o Mestre multiplicado os pães pela segunda vez. Constatou como motivo imediato da andança, a urgência de se afastar do desgastante confronto corporal com os fariseus. Como refúgio, um refrigerio vitalizante foi visado, incluindo a entrada em outras esferas da sua vida mental. Primeiro, circulou por terras em torno do Mar de Tiberíades, até encontrar, no seu Norte, lugar aprazível e de rara beleza. Transladado para uma temporalidade interior estranha a nós, contemplou a interseção da sua paisagem íntima com os movimentos da realidade objetiva para, assim, assenhorar-se da sua inserção no destino iminente. Adquiriu, pois, condição de começar a comunicar aos apóstolos a metade final da sua romagem terrestre.

Apesar do isolamento particular a que se reservou dentro do retiro da sua comitiva, deixou-os cientes do momento de se reagruparem. Achegando-se, propôs-lhes Jesus perguntas para materializar a revelação no entremeio das ideias que esposavam. Mais especificamente, duas revelações. Explicitar, de própria voz, quem ele é, e informar a aproximação do destino final da sua breve passagem.



Por uma cultura de paz

Pedro, contatando, por meio de sua antena mediúnica, a realidade que pairava no plano astral imediato, antecipa a revelação, no que é, judiciosamente, abençoado por Jesus. No entanto, com a mesma ligeireza que penetrou este campo sutil, dele se ausentou para retornar à ordinariedade humana. Por enquanto este segundo e infeliz fraseado ficará para ser analisado na continuação dos versículos sucessivos, na narração dos mesmos três evangelistas, na MC vindoura.

Neste momento, cabe-nos analisar e valorizar a grandeza humana que, bem sintonizada, torna-se amplificador de Deus neste plano. Aprendamos com Pedro a dispor esta condição como instrumento do amor e da verdade.

116.3 Evangelho-parte 1: Jesus quer saber dos discípulos quem é ele para o povo. (Mt, Lc, Mc)

Mt 16:13. Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: "Quem dizem os homens ser o filho do homem"? Responderam: "Uns dizem João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou um dos profetas".

Lc 9:18. E aconteceu, ao estar ele sozinho orando, vieram a ele os discípulos; e ele perguntou-lhes, dizendo: "Quem dizem as multidões que eu sou"?
19. Responderam eles: "Uns João o Batista; outros que um profeta dos antigos reencarnou".

Mc 8:27. E partiu Jesus com seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Filipe; e no caminho interrogou seus discípulos, dizendo; "Quem dizem os homens que sou eu"?
28. Responderam eles: "Uns dizem João Batista; outros, Elias; e outros, um dos profetas".

- | | |
|--|--|
| 1. Partiu Jesus com seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Filipe. | 4. Responderam eles: uns dizem João Batista; outros, Elias ou Jeremias; enfim, um profeta reencarnado. |
| 2. Quis orar só. | |
| 3. No seu término, quando vieram perguntou-lhes: quem dizem as multidões ser o Filho do Homem? | |

116.4 Evangelho-parte 2: Jesus quer saber quem é ele para os discípulos. (Mt, Lc, Mc)

Mt 16:14. Disse-lhes: "Mas vós, quem dizeis que eu sou"?

15. Respondendo, Simão Pedro disse: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus o vivo",

Lc 9:20. E disse-lhes: "E vós, quem dizeis que sou"? Respondendo, pois, Pedro disse: "O Cristo de Deus".

Mc 8:29. E ele lhes disse: "Mas vós, quem dizeis que sou"? Respondendo, Pedro disse-lhe: "Tu és o Cristo".



Por uma cultura de paz

5. Jesus muda a pergunta: “mas vós, quem dizeis que eu sou”?
6. Respondendo, Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho de Deus o vivo.

116.5 Evangelho-parte 3: Jesus saúda a intuição de Simão. (Mt)

Mt 16:16. E respondendo, disse-lhe Jesus: "Feliz és tu, Simão Bar-Jonas, porque carne e sangue não to revelaram, mas meu Pai que está nos céus.

17. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre essa pedra construir-me-ei a "ekklésia"; e as portas do "hades" não prevalecerão contra ela.

18. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e o que ligares na Terra será ligado nos céus, e o que desligares na Terra será desligado nos céus".

7. Retornou Jesus: “feliz és tu, Simão Bar-Jonas, porque não foram a carne e o sangue que te revelaram a verdade, mas meu Pai que está nos céus.
8. Também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a *ekklêsia*, e as portas do *hades* não prevalecerão contra ela.
9. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e o que ligares na Terra será ligado nos céus, e o que desligares na Terra será desligado nos céus”.

116.6 Evangelho-parte 4: Recomenda a todos o silêncio. (Mt, Lc)

Mt 16:19. Então ordenou a seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo.

Lc 9:21. Porém advertindo-os energicamente, ordenou que a ninguém dissessem isso.

116.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Após seu retiro particular, o que Jesus quer saber dos discípulos, com estas duas perguntas?

Em torno da figura física de Jesus encontravam dois grupos distintos, os judeus e os não-judeus. Em tese, integravam seis círculos que envolviam o Cristo luminoso, estrela central dessa mandala humana. O círculo mais íntimo compunha-se pelos doze apóstolos; o imediato, pelos discípulos afinados que sorviam sua mensagem; no terceiro, constava a massa popular receptiva, que como ovelhas perdidas eram atraídas pelo bom pastor; o quarto, formados pelos fariseus, organizavam-se para combatê-lo, tramando sua morte. Eram todos judeus. Diferente agrupamento constituía os dois últimos círculos. O quinto, integrados pelos gentios, recebeu em situações excepcionais a visita distinta do Mestre em seus territórios; e no sexto, estavam os romanos, representando o poder político e bélico, chegando a cruzar seu caminho em instantes cruciais. Ainda no primeiro século dessa era, Paulo de Tarso se incumbiria de expandir a mensagem cristã. Alcançaria os gentios e os romanos. Com o passar do tempo, os gentios



Por uma cultura de paz

tornaram-se símbolo de toda a humanidade não-judaica que aderiu ao sublime peregrino, permitindo que o cristianismo assumisse sua vocação de universalidade.

“Quem dizem os (esses) homens ser o Filho do Homem”? Confusos, misturavam referências. Não o sabiam ao certo. João Batista, como pensou Herodes, apontavam alguns. Jesus já havia esclarecido ser João Batista a reencarnação de Elias, de modo que outros fundiam os três, e o nazareno podia ser qualquer um dos dois. Mas, ainda, admitiam-no como encarnação de algum profeta. Jeremias é citado.

“Esta é a ignorância do vulgo, mas e vós, quem dizeis que eu sou”? Salta à frente Pedro, com sua impulsividade costumeira, e responde. “Tu és o Cristo de Deus”. Pronto, não mais carecia de Jesus anunciar-se diretamente. Lembremo-nos: João Batista fizera a primeira declaração por ocasião do batismo. Jesus, em Nazaré, lera Isaías para afirmar que naquele momento se cumpria a palavra do profeta – declarava-se, assim, reflexamente.

Desenvolvera seu ministério nos meses seguintes, curando, para que esta ação servisse de certificado. Tanto que quando é visitado pelos discípulos de João Batista para interrogar quem era ele, usa outra profecia de Isaías, que aponta para a natureza curativa de sua ação. Seguiu ensinando a revisão da lei com a autoridade autossuficiente de um Messias. Chegara, portanto, a hora de verbalizar de própria voz a revelação. Criou a condição adequada e se referindo como “o Filho do Homem” – expressão significativa cunhada por ele para se auto referir, termo que já tratamos de entender em outros estudos. Criou tal condição, e Pedro, inspirado, foi seu abençoado porta-voz – Cristo significa Messias.

Depois do escrutínio revelador de tal porte, o que cabia era o silêncio. Estava dito e, portanto, coagulado entre os emissários de Deus, a verdade. Não era preciso que fosse estendida ao povo, naquela hora. Pelo contrário, era mister guardar segredo, a fim de não provocar os ânimos reativos contra a empresa angélica. Ainda havia trabalho a ser realizado por mais alguns meses. Estava dito, e combinado, energicamente, o silêncio em torno da questão.

2. Como entender a função delegada a Pedro, pelo Cristo?

Simão se destacara por ter sido capaz de, pela intuição, captar a verdade sobre Jesus e verbaliza-la. Intuição tão essencial que, associada com outras ações reveladoras da sua liderança, credenciou-o para tomar posse simbólica desta função junto ao doze.

Mesmo que os versículos 16 a 18 de Mateus figurem como uma interpolação introduzida pelos primeiros patriarcas da Igreja, a fim de justificarem sua criação, eles não destoam, em teor, de outro ensinamento proferido pelo Nazareno, em diferente ocasião. Tem este conteúdo: “aquele que me confirmar perante os homens – o que implica em dar testemunhos de sua vinculação pela conduta – eu também o confirmarei perante Deus” (Mt 10:32). Por tal vínculo genuíno, o fiel adquire autoridade na Terra. Não obstante, cabe recordar que nos três primeiros séculos do movimento cristão, os caminheiros, como foram designados, não careciam de qualquer organização centralizadora que os filiasse e os representasse. Portanto, ser apóstolo-líder não significa ter de assumir a função de chefe espiritual desses fiéis, como aconteceu com a Igreja Católica, para o bem e para o mal. Nesse modelo, caso o núcleo central se equivoque, como a história noticia, confunde-se o movimento com a doutrina. E é bom que se frise: cristianismo é uma coisa e movimento cristão é outra. O primeiro vem da pureza do Cristo, enquanto o



Por uma cultura de paz

segundo, decorre, muitas vezes, da boa vontade humana, mas também dos seus limites, sujeitos às distorções. Podem ser coincidentes nas suas expressões, mas podem também se divergir. Ao contrário, sem a hierarquização rígida, se um grupo falha, se se compromete, em contrapartida vários manterão a pureza doutrinária, sem prejuízo da mensagem.

Por isto, o posto de líder cristão é facultado a qualquer pessoa que demonstre capacidade de traduzir, através do seu comportamento, a essência dos preceitos da Boa Nova. E qualquer agrupamento que quiser se reunir para estudar e orar, dentro dos mesmos princípios, encontre-se em uma casa, num apartamento ou em pequena sala, constituirá por si uma célula cristã, capaz de colaborar para a construção de uma sociedade fraterna e justa. O cristianismo não depende de um poder central nem de uma organização hierárquica, seja para conglomerar seus adeptos, seja para propagar seus ideais. Seu organismo pode ser dirigido por uma pessoa dedicada ou por um conselho de companheiros, desde que sua atitude espontânea e simples decorra da reflexão acurada. Assentados na oração silenciosa, estabelecem a fina sintonia com os planos elevados da vida. Todo aquele que se coloque como o servidor do necessitado e operário do bem coletivo está apto a ser a pedra que sustenta o movimento cristão. Este é, sem dúvida, um Pedro.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Qual o benefício, para a meditação, de eu ser uma pedra cristã?

Eu sou pedra quando minha intuição declara sua certeza de ser Jesus o Messias.

Sou pedra quando tomo dianteira na corrida de alcançar o Mestre, e com ele permanecer.

E quando meus olhos te contemplam como o Amado Senhor.

Eu sou pedra quando edifico em mim, com auxílio da razão, a morada da fé; quando purifico meu coração para o amor, e exercito meus pés e mãos no labor da caridade, sendo receptivo, tolerante e prestativo com todo aquele que bate à minha porta. Carece ele de atenção e cuidado tal como eu que, em te buscando toda manhã, sou nutrido por préstimos similares, não obstante infinitamente superiores.

Sou pedra ao dedicar minha ação para construir o reino dos céus na Terra, de diversas maneiras. Ao me reunir com amigos para refletir tuas lições; para trazer lenitivo com a palavra escrita ou verbal, e para orar pelos desorientados e sofredores.

Ao dispor minha morada para acolher os servidores da tua causa, ao usar minha alma como local de encontro contigo, e ao entregar minha essência para a unificação com o Pai Vivo, em todos estes momentos, justamente por não me ter apenas como carne e sangue, sou pedra cristã.

Eu sou também quando, como tua casa de redenção, fecho a porta às tentações não dando guarida a pensamentos inconsequentes e sentimentos infelizes. E quando, ao contrário destas produções, cultivo as ideias elevadas, certas do seu lugar no conserto cósmico da vida.



Por uma cultura de paz

Sou pedra quando aprendo a ligar na rede cristã aqueles que operam em teu nome e a pedir lucidez para os que semeiam discórdia, vingança e injustiça. Um dia, como eu depois de muito vagar, eles virão para se integrar à grande família universal.

Nesta condição, sento para meditar, e tua paz é comigo. Graças a Deus.

116.7 Versículo(s) para a meditação: Mateus 16:15

Respondendo, Simão Pedro disse: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus o vivo",

RedeUnaViva: Meditação Cristã 117 – paragem 134 – 11.12.16
MATEUS 16:21-23; MARCOS 8:30/31-33; LUCAS 9:22

